

ÓRIX E CREX
O ÚLTIMO HOMEM

MARGARET ATWOOD

ÓRIX E CREX
O ÚLTIMO HOMEM

Tradução de
ANA MARIA CHAVES
e
ANA MAFALDA COSTA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2020

Para a minha família

Talvez tivesse podido, como outros, assombrar-vos com estranhos contos improváveis; preferi, contudo, relatar factos reais da forma mais directa e no estilo mais simples, pois o meu objetivo principal foi informar-vos e não divertir-vos.

JONATHAN SWIFT, *As Viagens de Gulliver*

Não havia segurança? Não se aprendia de cor os costumes do mundo? Não havia guia nem abrigo, mas tudo era milagre e surgia no ar vindo do pináculo de uma torre?

VIRGINIA WOOLF, *Rumo ao Farol*

MANGA

O Homem das Neves acorda antes do alvorecer. Fica deitado, imóvel, a ouvir a maré que vai subindo e, onda após onda, se desfaz com estrépito contra as diversas barricadas — *zum-zum, zum-zum* — ao ritmo do bater do coração. Oxalá pudesse acreditar que continua a dormir.

A nascente, o horizonte tinge-se de uma névoa acinzentada, incendiada agora de um brilho róseo e mortal. É estranho como ainda vê ternura nessa cor. As torres ao largo recortam-se no céu, silhuetas negras que se elevam, improváveis, do rosa e azul-pálido da lagoa. Os gritos das aves que nidificam por aquelas bandas e o oceano distante a sovar pseudorrecifes de ferrugentas peças de automóveis, pilhas de tijolos e detritos vários fazem lembrar o ruído do tráfego em tempo de férias.

Por hábito, olha para o relógio: uma caixa de aço inoxidável e pulseira de alumínio polido ainda brilhante, embora já não funcione. Usa-o agora como seu único talismã. Mas a única coisa que ele lhe oferece é um mostrador em branco: hora zero. Um frémito de terror percorre-o devido a esta ausência de hora oficial. Ninguém em lado nenhum sabe que horas são.

— Acalma-te — diz para si mesmo. Respira fundo várias vezes, coça as picadas empoladas dos mosquitos, mas não onde a comichão é maior e sempre com o cuidado de não arrancar nenhuma crosta. Era só o que lhe faltava, um envenenamento de sangue. Em seguida esquadrinha o solo lá em baixo à procura de vida selvagem: tudo sossegado, nem escamas nem caudas. Mão esquerda, pé direito,

mão direita, pé esquerdo, desce pelo tronco da árvore. Depois de sacudir os galhos e os pedaços de casca, enrola o lençol imundo à sua volta como uma toga. Durante a noite pendurou num ramo o boné de beisebol dos Red Sox, uma réplica autêntica, para o ter a salvo; espreita lá para dentro, sacode uma aranha com um piparote e põe-no na cabeça.

Dá alguns passos para a esquerda, mija para os arbustos.

— Cuidado — ordena ele aos gafanhotos que fogem a zumbir com o impacto. Dirige-se depois para o outro lado da árvore, bem longe do urinol habitual, e vasculha no esconderijo que improvisou com algumas placas de cimento revestidas com rede de arame, para afastar os ratos e as ratazanas. Escondeu lá algumas mangas, num saco de plástico fechado com um nó, uma lata de salsichas vegetarianas de *cocktail* da Esbeltana, uma preciosa meia garrafa de *whisky* — não, talvez um terço — e uma barra de cereais com sabor a chocolate surripiada de um parque de caravanas, já mole e esborrachada dentro do invólucro. Não consegue decidir-se a comê-la, ainda não: pode bem ser a última que consiga encontrar. Também guarda ali um abre-latas e, por nenhuma razão especial, um picador de gelo; seis garrafas de cerveja vazias, por razões sentimentais e para armazenar água fresca. E também os óculos de sol; coloca-os. Falta-lhes uma lente, mas é melhor que nada.

Desata o nó do saco de plástico: resta uma única manga. Tem graça, ele achava que havia mais. As formigas conseguiram entrar, embora tivesse apertado o nó o mais possível. Já lhe correm pelos braços, das pretas e daquelas amarelas, pequeninas e danadas. Ninguém diria a valente ferroada que são capazes de dar, especialmente as amarelas. Esfrega os braços para se livrar delas.

— É a rígida adesão à rotina diária que propicia a manutenção do bom moral e a preservação da sanidade mental — diz em voz alta. Tem a sensação de estar a citar uma qualquer diretiva obsoleta e importante tirada de um livro e redigida para ajudar os colonos europeus que geriam plantações disto ou daquilo. Não se recorda de alguma vez ter lido tal coisa, mas isso não quer dizer nada. A sua cabeça de nabo alberga agora muitos espaços em branco onde antes albergava a memória. Plantações de borracha, plantações de café, plantações

de juta. (O que era a juta?) Também deviam tê-los aconselhado a usar capacetes, a vestir-se a rigor para o jantar e a refrear-se de violar as nativas. Talvez o termo não fosse *violar*. Refrear-se de confraternizar com as habitantes do sexo feminino. Ou, dito de outra forma...

Contudo, ele aposta que não se refrearam. Nove em cada dez vezes.

— Tendo em conta as atenuantes... — diz ele. Dá consigo de pé, de boca aberta, a tentar lembrar-se do resto da frase. Senta-se no chão e começa a comer a manga.

DESTROÇOS

Sobre a areia branca da praia, um grupo de crianças caminha por entre corais desfeitos e ossos esmigalhados. Devem ter andado a nadar, pois ainda estão molhadas e luzidias. Deviam ter mais cuidado — quem sabe de que estará infestada a lagoa? Mas são incautas, ao contrário do Homem das Neves; esse não meteria lá um dedo do pé nem sequer à noite, altura em que o sol não lhe toca. Correção: especialmente à noite.

Observa-as roído de inveja; ou será nostalgia? Nostalgia não pode ser: nunca nadou no mar quando era criança, nunca correu nu pela praia. As crianças esquadrinham o terreno, baixam-se, apanham destroços; depois conferenciam, guardam algumas coisas, deitam fora outras; os tesouros são depositados dentro de um saco rasgado. Mais tarde ou mais cedo — disso ele tem a certeza — irão procurá-lo onde quer que esteja sentado, enrolado no lençol imundo, abraçado às canelas e a chupar a manga à sombra das árvores, para fugir ao sol castigador. Para as crianças — de pele espessa e resistente aos raios ultravioleta —, ele é uma criatura da penumbra, do crepúsculo.

Lá vêm elas agora.

— Homem das Neves, ó Homem das Neves — cantarolam na sua toada monótona. Nunca se aproximam demasiado. Será por respeito, como ele gostaria de pensar, ou porque ele cheira mal?

(Ele cheira mesmo muito mal, e está ciente disso. Está pestilento, cheira como os bichos, fede como uma morsa — oleosa, salgada e a tresandar a peixe —, apesar de nunca ter cheirado tal animal. Mas viu fotografias.)

Ao abrirem o saco, as crianças cantam em coro:

— Ó Homem das Neves, olha o que encontrámos! — Pegam nos objetos e erguem-nos no ar como se os exibissem para vender: um tampão de uma roda, uma tecla de piano, um pedaço enorme de uma garrafa verde-clara, amaciado pelo oceano. Uma embalagem de plástico de 7.º Céu, já vazia; um balde de FrangoNacos da P'Tiscos, idem, idem, aspas, aspas. Um rato de computador, ou melhor, os seus restos estropiados com uma longa cauda de arame.

O Homem das Neves sente vontade de chorar. O que pode ele dizer-lhes? Não há forma de lhes explicar o que são estes curiosos artigos ou, melhor, o que foram. Mas as crianças certamente já adivinharam o que ele vai dizer, porque é sempre o mesmo.

— Essas coisas são de antigamente. — Mantém a voz afável, mas distante, um misto de pedagogo, profeta e tio bonacheirão; deve ser esse o seu tom.

— Fazem mal? — Às vezes as crianças encontram latas de lubrificante, diluentes cáusticos, garrafas de lixívia. Armadilhas do passado. Ele é considerado um perito em potenciais acidentes: líquidos abrasivos, gases nauseabundos, venenos em pó. As mais estranhas formas de dor.

— Estes não — diz ele. — Estes não fazem mal. — Ao ouvir isto, as crianças perdem o interesse, deixam o saco a balançar. Mas não se vão embora: deixam-se ficar ali espedadas, a olhar. Explorar a praia é uma desculpa. Querem sobretudo olhar para ele por ser tão diferente delas. Estão sempre a pedir-lhe que tire os óculos de sol e volte a pô-los: querem ver se ele tem de facto dois olhos ou se são três.

— Homem das Neves, ó Homem das Neves — continuam elas a cantar, mais para si mesmas do que para ele. Para as crianças, o nome dele não passa de três palavras. Não sabem o que é um Homem das Neves; elas nunca viram neve.

Uma das regras de Crex era não se poder escolher um nome para o qual não fosse possível encontrar um equivalente real — ainda que embalsamado, ainda que só existente em esqueleto. Nada de unicórnios, nada de grifos, nada de esfinges nem basiliscos. Mas essas regras já não se aplicam e o Homem das Neves sentia um prazer

perverso em adotar esta dúbia designação. O Abominável Homem das Neves: existente e inexistente, bruxuleante no gume das tempestades, um homem em forma de macaco ou um macaco em forma de homem, escondido, esquivo, conhecido apenas por rumores e pelas pegadas que apontavam para trás. Constava que as tribos da montanha o tinham perseguido e matado assim que tiveram oportunidade. Também constava que o tinham cozido e assado e servido num festim especial; ainda mais excitante, supõe ele, por tocar as raias do canibalismo.

Para os propósitos atuais, abreviou o nome. É apenas o Homem das Neves. Guardou o *abominável* para si, uma penitência secreta e autoinfligida.

Depois de breves momentos de hesitação, as crianças, rapazes e raparigas sem distinção, acocoram-se num semicírculo. Algumas das mais novas ainda mastigam o pequeno-almoço, de boca muito cheia, e o suco verde escorre-lhes pelo queixo. É desanimador ver como tudo se conspurca na ausência de espelhos. Mesmo assim, estas crianças continuam extremamente atraentes: todas elas nuas, todas elas perfeitas, cada uma com uma cor de pele diferente — chocolate, rosa, chá, manteiga, nata, mel —, mas todas de olhos verdes. A estética de Crex.

Estão de olhos postos no Homem das Neves, expectantes. Devem estar ansiosas por que ele converse com elas, mas hoje ele não está para aí virado. No máximo, deve deixá-las ver de perto os óculos de sol ou o relógio brilhante e avariado ou o boné de beisebol. Elas gostam do boné, mas não compreendem para que precisa de tal coisa — cabelo amovível que não é cabelo — e ele ainda não inventou uma ficção para o explicar.

Calam-se por instantes, olham-no fixamente, pensativas, e depois a mais velha começa:

— Ó Homem das Neves, diz-nos, por favor, que musgo é esse que te cresce na cara?

E as outras, em coro:

— Por favor, diz-nos; por favor, diz-nos. — Não trocam toques de cotovelo nem risadinhas. A pergunta é séria.

— São penas — responde ele.

Fazem-lhe esta pergunta pelo menos uma vez por semana e ele dá sempre a mesma resposta. Mesmo num período tão curto —

dois, três meses? (já perdeu a conta) —, elas arquitetaram uma série de conjecturas a seu respeito: *o Homem das Neves foi em tempos um pássaro, mas esqueceu-se de como se voa e o resto das penas caiu e, por isso, tem frio e precisa de uma segunda pele para se embrulhar. Não: tem frio, porque come peixe e os peixes são frios. Não: embrulha-se, porque lhe falta a coisa dos homens e ele não quer que vejamos. É por isso que não vai nadar. O Homem das Neves tem rugas, porque em tempos viveu debaixo de água e a água enrugou-lhe a pele. O Homem das Neves está triste, porque os outros iguais a ele fugiram a voar em direção ao horizonte e agora ele está completamente sozinho.*

— Eu também quero ter penas — diz o rapaz mais novo. Esperança vã: entre os Filhos de Crex, os homens não têm barba. O próprio Crex considerava a barba irracional; também o irritava ter de se barbear e, portanto, aboliu a necessidade de o fazer. Embora não para o Homem das Neves, naturalmente. Para esse era demasiado tarde.

Agora começam todas em uníssono:

— Ó Homem das Neves, ó Homem das Neves, também podemos ter penas, podemos, por favor?

— Não.

— Porque não? Porque não? — papagueiam as duas mais pequenas.

— Só um minuto. Vou perguntar a Crex. — Ergue o relógio ao céu, fá-lo girar à volta do pulso e depois encosta-o ao ouvido como se estivesse a escutar. Fascinadas, as crianças seguem cada movimento. — Não — repete ele. — Crex diz que não. Nada de penas para vocês. E agora ponham-me esses cus a mexer.

— Ponham-me esses cus a mexer? Ponham-me esses cus a mexer? — As crianças olham umas para as outras e depois para ele. Cometeu um erro, disse uma coisa nova, uma coisa que é impossível explicar. Para elas, cu não é uma asneira.

— O que quer dizer ponham-me esses cus a mexer?

— Vão-se embora! — Começa a agitar o lençol para cima delas e elas dispersam, desatando a correr pela praia fora. Ainda não sabem bem se devem ter medo dele, nem quanto medo. Não há memória de ele ter feito mal a alguma criança, mas a sua natureza não é totalmente compreendida. Ninguém sabe o que poderá fazer.

VOZ

— Agora estou sozinho — diz ele em voz alta. — Sozinho, completamente sozinho. Sozinho num grande, grande oceano. — Mais um pedaço do álbum incandescente da sua mente.

Correção: numa praia.

Sente necessidade de ouvir uma voz humana — uma voz absolutamente humana como a sua. Às vezes ri como uma hiena ou ruga como um leão — como imagina que faria uma hiena ou um leão. Quando era pequeno costumava ver DVD antigos sobre esses animais: documentários sobre o comportamento animal que retratavam a cópula, os grunhidos e as vísceras, e as mães a lamberem as crias. Por que razão os considerava ele tão reconfortantes?

Grunhe e guincha como um bacorão ou uiva como um lobicão: Auuuuuu! Auuuuuu! De vez em quando, ao crepúsculo, corre pela areia para cima e para baixo, atira pedras ao oceano e grita: «Merda, merda, merda, merda, merda!» No fim sente-se melhor.

Põe-se em pé, levanta os braços para se espreguiçar e o lençol cai. Olha preocupado para o corpo: a pele suja e mordida pelos mosquitos, os tufos de pelos pretos e brancos, as unhas dos pés cada vez mais grossas e amarelas. Nu, como no dia em que veio ao mundo, embora não se recorde desse dia. Tantos acontecimentos cruciais ocorrem sem o conhecimento das pessoas, quando elas não estão em posição de os observar. O nascimento e a morte, por exemplo. E o esquecimento temporário do sexo.

— Nem sequer penses nisso — diz para consigo. O sexo é como a bebida, é mau começar a cismar com qualquer deles logo pela manhã.

Antigamente cuidava muito bem de si; costumava correr e ir para o ginásio. Agora consegue ver as próprias costelas: está a definhar. Proteínas animais insuficientes. Uma voz de mulher diz-lhe carinhosamente ao ouvido:

— *Belas nádegas!* — Não é Órix, mas outra mulher. Órix não tem andado muito faladora.

— Diz qualquer coisa — implora-lhe ele. Ela ouve-o, precisa ele de acreditar, mas remete-se ao silêncio. — O que hei-de fazer? — pergunta-lhe ele. — Tu sabes que eu...

— *Oh, que belos abdominais* — interrompe-o um sussurro mental. — *Querido, deita-te e relaxa.* — Quem será? Uma prostituta qualquer cujos serviços ele comprou. Correção: uma profissional especializada em técnicas sexuais. Uma trapezista com espinha dorsal de borracha e lantejoulas coladas ao corpo como escamas de peixe. Ele detesta estes ecos. Os santos costumavam ouvi-los, bem como os eremitas enlouquecidos e infestados de piolhos em grutas e desertos. Muito em breve estará a ver diabas sedutoras, com mamilos intumescidos e ondulantes línguas cor-de-rosa, a chamá-lo e a passar a língua pelos lábios. Surgirão sereias das ondas, lá longe, para além das torres em ruínas, e, ao ouvir o seu maravilhoso canto, nadará até elas e será comido pelos tubarões. Criaturas com cabeça e seios de mulher e garras de águia descerão a pique sobre ele e ele abrir-lhes-á os braços e será o fim. Estará frito.

Ou pior, alguma rapariga que ele conhece, ou conheceu, aproximar-se-á por entre as árvores, feliz por encontrá-lo de novo, mas será feita de ar. Até isso ele aceitaria, só para ter companhia.

Escrutina o horizonte com a ajuda do olho protegido pela lente que resta nos óculos de sol: nada. O mar é metal fundido, o céu um azul tingido de lixívia, exceto no buraco delimitado pelo sol. Está tudo tão vazio. Água, areia, céu, árvores, fragmentos de um tempo passado. Ninguém para escutá-lo.

— Crex! — grita ele. — Parvalhão! Burro de merda!

Fica à escuta. O suor escorre-lhe de novo pela cara. Nunca sabe quando isto vai acontecer e nunca consegue evitá-lo. Começa a respirar com dificuldade, como se uma mão gigantesca lhe apertasse o peito: aberta, liberta, aberta. Um pânico sem sentido.

— Tu é que fizeste isto! — grita ele para o oceano.

Não há resposta, o que não é para admirar. Só as ondas, *zum-
-zum, zum-zum*. Passa a mão pela cara e limpa a sujidade, as lágrimas,
o ranho, as suíças hirsutas e o sumo pegajoso da manga.

— Homem das Neves, Homem das Neves — diz ele. — Faz-te
à vida.